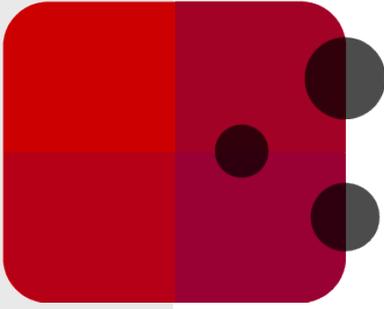


rebecca

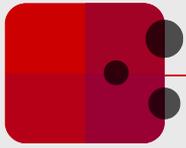


*Filme demência: o mito na cidade*

*Olgária Matos<sup>1</sup>*

---

1. Olgária Matos é professora titular de Filosofia na FFLCH-USP e na UNIFESP, autora de *Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo*, *Discretas Esperanças*, *Contemporaneidades*, *O Iluminismo visionário: Benjamin leitor de Descartes e Kant*, entre outros.



*Filme demência* é uma *Odisseia* moderna que se constrói à maneira do *Ulisses* de Joyce. Como Leopold Bloom em Dublin, o Fausto de Carlos Reichenbach vagueia na madrugada pelos arcanos da cidade de São Paulo, entre prostitutas, polícia, cafetões, jornalistas, repressão policial e memórias da ditadura militar, humanidade noturna e “comunidade dos que não têm comunidade”. Vivendo à margem dos códigos de honra próprios à classe dominante, o único bem de Fausto é uma imagem, sua *promesse de bonheur*. Adormecido ou em estado de vigília, em situação extrema de perdas e traições, mas sempre lúcido, Fausto diz para si mesmo: “Não adianta enlouquecer”.

A fita se inicia com um filme na televisão cujo desfecho coincide com o despertar de Fausto diante da tela. Na indeterminação entre o acordar e o voltar a adormecer, em uma atmosfera de fantasmas do presente, os acontecimentos são um *déjà-vu*, em que tudo já aconteceu ou vai acontecer:

Cinema e poética confundidos, tradição picaresca, citações de simbolistas, surrealistas e *beatniks* fazem do roteiro escrito com a colaboração de Inácio Araújo, uma obra de máxima literatura. Por isso, a potência de transfiguração lírica que converte o bordel do centro da cidade em “templo do esperma”, “altar da sífilis”, “doce lupanar”. É que o Fausto de Carlos Reichenbach é pós-goethiano e pós-Murnau e, em sua viagem interior no asfalto da cidade, enfrenta as agressões do capitalismo especulativo e das mercadorias. A metrópole paulistana é “São Paulo, sociedade anônima”, o arquétipo social e moral criado por Luís Sérgio Person. Suas ruínas são mais que materiais, são existenciais.

Oscilando entre o “conhece-te a ti mesmo” socrático e o “torna-te quem tu és” de Píndaro, esse Fausto moderno não quer dominar a natureza pela modernidade tecnológica do Capital – porque não o seduz o pacto mefistofélico para fins mundanos. Não por acaso, perambulando na madrugada, Fausto assiste a um “simpósio” em que o conferencista que exporia a Lógica é morto por um espectador em colapso nervoso. Dissoluções da evidência do mundo e do



princípio de razão suficiente são a paisagem do andarilho em busca de seu Éden. Ele escapa ao poder da realidade social, pois “somente aquele que viaja em si mesmo distingue a verdade de sua sombra”, diz a personagem.

Paisagem originária e antítese do *taedium vitae*, esse Paraíso perdido ou ainda não encontrado está na embalagem do maço de cigarro, o desenho de um mar e uma menina que, como uma vestal de branco, dá alma ao sonho que obseda o herói. Em sua busca do “litoral do frenesi”, o Paraíso, quanto mais próximo, mais inalcançável: “Quando eu chego”, diz Fausto, “não é lá”. Herói das causas perdidas, o Fausto de Carlos Reichenbach, em sua melancolia, nunca sorri porque conhece a derrisão do mundo: “Falhei em tudo”, diz o herói destinado a não conhecer nenhum consolo.

O mundo de Fausto é aquele do qual os deuses já partiram ou ao qual ainda não chegaram. Nesse universo sem deuses e sem Deus, habita o Demônio, Senhor do Mal, mas também o grande vencido. Desembaraçado de ilusões metafísicas, Fausto responde a seu rival: “Mas como fazer um pacto com você se sequer tenho uma alma para vender?”. Fausto é o herói que prefere ler poetas a ser empresário, a contemplação à ação. Seu sonho é um maremoto, um “marremoto”, como se diz na fita. Recusando o pacto demoníaco, a paisagem do Éden é o espaço de um sagrado imanente.

Príncipe do pensamento especulativo, Fausto pode, entre realidade e ficção, refundar o mundo pela potência de um Éden jovial e oceânico, reencontro da Terra sem Mal. ■

Olgária Matos